OBRA DE ARTE E PSICANÁLISE: INTERPRETAÇÕES DA PINTURA SOB UM VIÉS PSICANALÍTICO

WORK OF ART AND PSYCHOANALYSIS: INTERPRETATIONS OF PAINTING FROM A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Carolina Gerlach Pacheco [1]
Isadora Luisa Costa [2]
Maria Victoria Reitz [3]
Ana Paula Santos Siqueira [4]

RESUMO: A interpretação da obra de arte por meio da psicanálise constitui um campo fértil para a investigação dos processos simbólicos, inconscientes e subjetivos envolvidos na produção e na apreciação estética. O presente artigo teve como objetivo analisar como a produção científica publicada entre 2020 e 2025 tem articulado a psicanálise à interpretação da pintura, investigando a permanência e os deslocamentos conceituais no uso de categorias clássicas como fantasia, pulsão, sublimação, desejo e simbolização. Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada nas bases de dados SciELO, EBSCO e IndexPsi, utilizando os descritores "obra de arte" e "psicanálise". Foram adotados como critérios de seleção artigos publicados no período delimitado que tivessem como temática central a obra de arte e a psicanálise e que interpretassem pinturas sob esse enfoque teórico. Os resultados indicaram 34 produções, das quais duas foram selecionadas para compor a análise final. Constatou-se que as pesquisas convergem ao compreender a obra pictórica como expressão simbólica do inconsciente, articulando conceitos como sublimação, fantasia, desejo e constituição subjetiva. Conclui-se que a psicanálise permanece como referencial consistente para a leitura interpretativa da arte, contribuindo para a ampliação da compreensão dos processos criativos e da experiência

Palavras-chave: obra de arte; psicanálise; pintura; interpretação.

ABSTRACT: *Interpreting works of art through psychoanalysis is a fruitful way to study the symbolic, unconscious, and subjective processes involved in artistic production and aesthetic experience. This article aimed to analyze scientific publications from 2020 to 2025 that address the psychoanalytic interpretation of paintings. A bibliographic review was conducted in the SciELO, EBSCO, and IndexPsy databases using the descriptors "work of art" and "psychoanalysis." Selection criteria included articles published within the defined period that focus primarily on works of art and psychoanalysis and present interpretations of painting from this theoretical approach. We selected the search that yielded 34 publications, two of which were for the final analysis. The findings suggest that these studies converge in their interpretation of pictorial works as symbolic expressions of the unconscious, articulating concepts such as sublimation, fantasy, desire, and subjective constitution. The article concludes that psychoanalysis remains a consistent framework for interpretative readings of art, contributing to our understanding of creative processes and aesthetic experiences.*

1 Acadêmica do curso de psicologia. Unifebe. E-mail: carolina.pacheco@unifebe.edu.br

2 Acadêmica do curso de psicologia. Unifebe. E-mail: isadora.costa@unifebe.edu.br

3 Acadêmica do curso de psicologia. Unifebe. E-mail: maria.reitz@unifebe.edu.br

4 Docente do curso de psicologia. Unifebe. Mestre em estudos Psicanalíticos E-mail: ana.siqueira@unifebe.edu.br

Keywords: *work of art; psychoanalysis; painting; interpretation.*

1 INTRODUÇÃO

A relação entre arte e psicanálise atravessa a história do pensamento moderno desde as formulações iniciais de Sigmund Freud sobre a criação artística como expressão simbólica de desejos inconscientes. Em "Escritores criativos e devaneios", Freud (1908) estabelece um paralelo entre a criação artística e a fantasia, afirmando que o artista, assim como a criança em suas brincadeiras, cria mundos nos quais realiza desejos que não encontram satisfação plena na realidade. Nesse sentido, a obra de arte pode ser compreendida como uma formação de compromisso, estruturada por mecanismos semelhantes aos do sonho, como a condensação e o deslocamento. Essa visão inaugura um campo fértil de interlocução entre arte e psicanálise, no qual a produção estética é concebida como uma via de elaboração psíquica e de transformação cultural das pulsões.

Ao longo do século XX e do início do XXI, diferentes autores ampliaram essa interlocução, articulando conceitos como fantasia, desejo, sublimação e constituição subjetiva à leitura das obras artísticas. Lacan (2008), ao afirmar que “o real é o impossível” (p. 167), reforça a ideia de que a experiência humana é sempre mediada por estruturas simbólicas, sendo a arte um dos campos privilegiados dessa mediação. De modo semelhante, Terêncio (2023) sustenta que a obra de arte impõe “uma validação da trama simbólica e imaginária da nossa realidade” (p. 8), evidenciando que a percepção do mundo é atravessada por construções psíquicas que organizam o olhar e o sentido.

É nesse horizonte teórico que se insere o presente estudo, delimitado à análise de artigos científicos publicados entre 2020 e 2025 que abordam a interpretação da pintura sob um viés psicanalítico. Parte-se do pressuposto de que a produção acadêmica recente pode revelar permanências e deslocamentos na forma como os conceitos psicanalíticos têm sido mobilizados na leitura das obras. O objetivo geral é analisar como a produção científica publicada entre 2020 e 2025 tem articulado a psicanálise à interpretação da pintura, investigando a permanência e os deslocamentos conceituais no uso de categorias clássicas como fantasia, pulsão, sublimação, desejo e simbolização.

A discussão acerca da arte na contemporaneidade adquire contornos específicos diante da intensificação da cultura visual. Vivemos em um contexto marcado pela superprodução e circulação acelerada de imagens, sobretudo no ambiente digital, no qual nosso olhar é constantemente capturado por estímulos efêmeros. Nesse cenário, a pintura, por exigir contemplação e elaboração simbólica, apresenta-se como contraponto à lógica da imagem descartável. A leitura psicanalítica da obra pictórica torna-se, assim, particularmente relevante, pois permite questionar não apenas o conteúdo representado, mas as condições subjetivas que estruturam o olhar e a produção de sentido (Lacan, 2008).

Além disso, sustentar a pertinência da psicanálise no século XXI implica reconhecer sua potência como teoria da linguagem e do sujeito. Ao contrário de abordagens exclusivamente formalistas ou historicistas, que privilegiam aspectos técnicos e contextuais da obra, a leitura psicanalítica questiona o estatuto do desejo, da falta e da fantasia envolvidos na criação e na apreciação estética. Não se trata de aplicar mecanicamente conceitos à arte, mas de estabelecer uma interlocução hermenêutica, na qual a obra desafia e, ao mesmo tempo, convoca o aparato teórico (Lacan, 2008).

Os objetivos específicos são: (i) identificar os principais referenciais teóricos utilizados nas publicações selecionadas, compreender quais conceitos psicanalíticos são mais mobilizados nas interpretações propostas e discutir as contribuições e os limites dessas produções para o campo interdisciplinar entre Psicologia e Estudos da Arte. A pesquisa é relevante, porque a psicanálise é um instrumento que se justifica, primeiramente, pela importância como leitura simbólica da arte, capaz de ampliar a compreensão da obra para além de sua dimensão formal ou histórica, alcançando seus desdobramentos subjetivos e culturais. Além disso, conforme argumenta Assis (2023), a arte pode funcionar como um espaço de elaboração psíquica e de transformação da experiência humana, especialmente ao lidar com conteúdos ligados à violência, à criatividade e à destrutividade.

Dessa forma, sistematizar a produção científica recente sobre a relação entre a obra de arte e psicanálise contribui para consolidar e atualizar esse campo de interlocução, evidenciando suas potencialidades e seus desafios teóricos. Ao reunir e analisar criticamente as publicações do período delimitado, o estudo busca fortalecer o diálogo interdisciplinar e reafirmar a pertinência da psicanálise na compreensão da experiência estética e dos processos criativos na contemporaneidade (Terêncio, 2023).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ARTE E PSICANÁLISE: A CRIAÇÃO COMO FORMAÇÃO DO INCONSCIENTE

A interlocução entre arte e psicanálise encontra suas bases nas formulações inaugurais de Sigmund Freud acerca da criação artística. Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud (1908/2023) propõe que o fazer artístico constitui uma continuidade sofisticada do brincar infantil, na medida em que ambos organizam fantasias que realizam desejos inconscientes. O artista, diferentemente do neurótico, consegue transformar essas fantasias em produções culturalmente compartilháveis, promovendo uma forma de satisfação substitutiva socialmente aceita.

Essa elaboração encontra sustentação na teoria da realidade psíquica. Em *Estudos sobre a histeria*, Freud e Breuer (1895/2024) indicam que o inconsciente não distingue de modo rigoroso entre fantasia e fato material, atribuindo à cena fantasiada estatuto de verdade subjetiva. A arte, nesse sentido, não representa simplesmente o mundo externo, mas reconfigura experiências internas sob forma simbólica. A obra pictórica pode ser compreendida como uma formação de compromisso, resultante de processos de condensação e deslocamento, semelhantes aos mecanismos do sonho descritos em *A interpretação dos sonhos* (Freud, s.d.).

A noção de sublimação ocupa um lugar central nesse debate. Ao transformar impulsos pulsionais em criações culturalmente valorizadas, o artista realiza um trabalho psíquico que desloca a energia libidinal para objetos socialmente legitimados. A pintura, portanto, pode ser entendida como destino pulsional que articula desejo, renúncia e elaboração simbólica. Ela não é uma simples descarga emocional, mas um processo complexo de transmutação da pulsão em linguagem estética.

2.2 FANTASIA, DESEJO E ESTRUTURA DO OLHAR

A releitura lacaniana aprofunda a compreensão da arte ao deslocar o foco da biografia do artista para a estrutura do desejo. Para Lacan (2008), o sujeito é constituído na e pela linguagem, sendo sua relação com o mundo mediada pelo registro simbólico. O real, enquanto dimensão do impossível de simbolizar, irrompe como aquilo que escapa à significação plena. A arte, nesse contexto, não explica o real, mas o circunscreve, criando bordas simbólicas que permitem sua aproximação.

Lacan (2008) alega que a fantasia não é um mero devaneio individual, mas uma estrutura que sustenta o desejo. O sujeito vê o mundo por meio de uma moldura fantasística que organiza seu olhar. A pintura, especialmente nos movimentos que problematizam a representação, como o surrealismo, evidencia essa condição estrutural: o que se vê nunca é a pura realidade, mas uma construção mediada pelo imaginário.

Essa concepção amplia a leitura freudiana ao enfatizar que a obra de arte não deve ser reduzida ao sintoma do artista. Pelo contrário, ela convida o espectador a confrontar sua própria posição desejante. A pintura funciona como um dispositivo que desestabiliza certezas perceptivas, revelando que o olhar está atravessado pela falta e pelo desejo.

2.3 PULSÃO, VIOLÊNCIA E ELABORAÇÃO SIMBÓLICA

A teoria das pulsões, especialmente após a introdução da pulsão de morte, oferece uma importante contribuição para a compreensão das produções artísticas que tematizam violência e destruição. Em *Por que a guerra?*, ao dialogar com Albert Einstein, Sigmund Freud (1976) afirma que a vida psíquica é atravessada pela tensão entre forças de ligação (Eros) e forças destrutivas, sendo a cultura uma tentativa de transformar a agressividade humana. Nesse contexto, a arte pode operar como via de elaboração simbólica da violência, ao reinscrever o horror sob a forma representável.

Andre Green (1990) contribui ao discutir a função desobjetalizante da pulsão de morte, marcada pelo esvaziamento do outro enquanto sujeito. A obra artística, ao contrário, pode exercer função objetalizante, restituindo sentido e densidade simbólica à experiência humana. Criar, portanto, implica transformar excesso pulsional em forma.

Nessa mesma direção, Wilfred Bion (1988) compreende o pensar como um processo de transformação emocional. A arte pode ser entendida como um espaço de simbolização, no qual experiências intensas são convertidas em formas compartilháveis. Dessa forma, a pintura configura-se como mediação entre destrutividade e pensamento, possibilitando elaboração onde havia ruptura.

2.4 A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E O PAPEL DO ESPECTADOR

A interpretação psicanalítica da pintura não se restringe ao ato criativo, mas abrange igualmente a experiência de fruição estética. Se a obra constitui uma formação simbólica, sua significação não se esgota na intenção do artista, sendo atualizada no encontro com o espectador. Nesse processo, mecanismos como identificação, projeção e transferência desempenham papel fundamental.

Freud já indicava que a arte possibilita ao público compartilhar fantasias que, em outras circunstâncias, poderiam gerar angústia ou culpa. Ao contemplar a obra, o espectador mobiliza conteúdos inconscientes próprios, estabelecendo uma relação singular com a imagem. Lacan (2008), ao discutir a função do olhar, propõe que o sujeito não apenas vê, mas também é visto pela obra, numa dinâmica em que o objeto artístico ocupa um lugar estruturante no campo do desejo.

A experiência estética pode, assim, ser compreendida como um espaço de simbolização. Bion (1988) contribui ao afirmar que o pensar decorre da capacidade de transformar emoções brutas em elementos simbolizáveis. A pintura, nesse sentido, não apenas representa conflitos psíquicos, mas também oferece ao espectador a possibilidade de elaborá-los. A fruição estética configura-se como um processo ativo, no qual o sujeito reinscreve sua própria história na relação com a imagem.

Tal perspectiva amplia a compreensão da arte como fenômeno intersubjetivo, evidenciando que a obra pictórica opera como mediadora entre o inconsciente individual e a cultura. O sentido não está dado de antemão, mas emerge na tensão entre criação e recepção.

2.5 CONTRIBUIÇÕES CONTEMPORÂNEAS E LIMITES TEÓRICOS

A produção recente que articula Psicanálise e pintura demonstra continuidade com os fundamentos clássicos inaugurados por Sigmund Freud, especialmente no que se refere às noções de fantasia, sublimação e realidade psíquica (Freud, 1908/2023; 1917/2014). Contudo, observa-se, nas publicações contemporâneas, um deslocamento importante das abordagens excessivamente biografizantes, predominantes nas primeiras leituras psicanalíticas da arte, para perspectivas que privilegiam estrutura, linguagem e processos de simbolização, em diálogo com a releitura estrutural proposta por Jacques Lacan (2008).

Nessa direção, a obra deixa de ser interpretada como mero sintoma do artista e passa a ser compreendida como dispositivo simbólico que convoca o espectador à experiência do desejo e da falta, articulando os registros do imaginário, simbólico e real (Lacan, 2008). Essa visão amplia a interlocução com questões socioculturais contemporâneas, ao reconhecer que a produção artística se insere em determinado contexto histórico e discursivo, sem reduzir-se a ele.

Autores como Andre Green (1990) reforçam a importância de evitar leituras simplificadoras, alertando para os riscos de uma aplicação mecânica da teoria psicanalítica ao campo estético. A arte não deve ser tomada como ilustração de conceitos, mas como campo de experiência que desafia e, por vezes, tensiona o próprio aparato teórico. Nesse sentido, a interlocução interdisciplinar exige rigor metodológico e abertura hermenêutica, reconhecendo a autonomia relativa da obra em relação ao discurso psicanalítico.

Do mesmo modo, as contribuições de Wilfred Bion (1988) acerca da simbolização e da transformação emocional permitem compreender a experiência estética como um processo dinâmico, no qual artista e espectador participam de um trabalho psíquico de elaboração. A pintura, neste enquadramento, não é apenas objeto de análise, mas também campo de produção de pensamento.

Em conclusão, a fundamentação teórica evidencia que a Psicanálise oferece instrumentos consistentes para a leitura da pintura ao abordar a fantasia, o desejo, a pulsão e a simbolização (Freud, 1908; Lacan, 2008). Entretanto, permanece o desafio crítico de sustentar uma abordagem que preserve a complexidade da obra, evitando reducionismos interpretativos. A arte surge, assim, como um campo privilegiado de investigação da condição humana, revelando tensões entre criação e destruição, visível e invisível, representação e ausência.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracterizou-se como um estudo de natureza básica, com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica. A coleta de dados foi realizada nas bases SciELO, EBSCO e IndexPsi, com os descritores “Obra de arte” AND “Psicanálise”. Em um segundo momento, determinou-se selecionar apenas estudos voltados à pintura, dessa forma, estabeleceram-se como critérios de inclusão: artigos publicados entre 2020 e 2025; produções que apresentassem como temática central a arte e a Psicanálise; e textos que realizassem interpretação de pintura sob viés psicanalítico. Foram excluídos trabalhos que abordavam outras linguagens artísticas sem análise pictórica específica, textos fora do recorte temporal delimitado e produções que não apresentavam fundamentação teórica psicanalítica consistente.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa do objeto investigado. Estudos que articulam psicanálise e arte não se orientam pela mensuração de variáveis, mas pela análise de significados, construções simbólicas e articulações conceituais. A metodologia qualitativa possibilita examinar a profundidade teórica das produções selecionadas, identificando categorias interpretativas e modos de argumentação (Freud, s.d.).

O universo da pesquisa correspondeu ao conjunto de publicações científicas disponíveis nas bases selecionadas que abordavam arte e psicanálise no período de 2020 a 2025. A amostra constituiu-se especificamente de artigos que realizavam interpretação da pintura sob o referencial psicanalítico. A redução de 34 produções para dois artigos finais decorreu da aplicação rigorosa dos critérios de inclusão, garantindo coerência temática e consistência teórica.

A análise de conteúdo foi realizada em três etapas: (1) leitura exploratória para reconhecimento geral do material; (2) leitura seletiva para identificação de conceitos centrais; e (3) leitura interpretativa para construção de eixos temáticos comparativos. Tal procedimento possibilitou a organização dos dados em categorias como fantasia, pulsão, simbolização e violência, permitindo uma análise articulada entre os estudos.

No levantamento inicial, foram identificadas 34 publicações, sendo 21 na base SciELO, duas na base EBSCO e 11 na IndexPsi. Inicialmente, procedeu-se à leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de todos os resultados encontrados. Com base nessa triagem, nove artigos foram selecionados para leitura na íntegra: quatro provenientes da SciELO, três da IndexPsi e dois da EBSCO, os quais, por meio dos resumos, aparentavam atender aos critérios estabelecidos. Contudo, após a leitura integral, verificou-se que sete desses artigos apresentavam divergências em relação ao escopo da pesquisa, pois abordavam obras não pictóricas ou não realizavam análise sob perspectiva psicanalítica. Dessa forma, apenas dois artigos atenderam integralmente aos critérios definidos, constituindo a amostra final da pesquisa.

O tratamento dos dados ocorreu por meio de análise qualitativa de conteúdo, visando identificar convergências teóricas, conceitos predominantes e formas de articulação entre a psicanálise e a pintura. A análise envolveu etapas de leitura exploratória, leitura seletiva e leitura interpretativa, permitindo organizar os achados em eixos temáticos. Esse procedimento possibilitou compreender como os autores contemporâneos vêm mobilizando conceitos como fantasia, sublimação, desejo, pulsão e constituição subjetiva na interpretação das obras pictóricas.

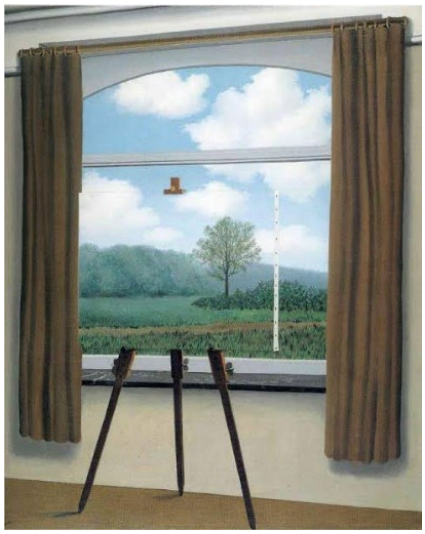
Dessa forma, a metodologia adotada assegura rigor na seleção do material e coerência entre os procedimentos empregados e os objetivos propostos, permitindo uma análise sistematizada da produção científica recente sobre obra de arte e psicanálise.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dois artigos selecionados evidenciou convergências significativas quanto à compreensão da obra pictórica como formação simbólica atravessada pelo inconsciente. Embora cada produção apresente ênfases teóricas distintas, ambas sustentam a hipótese de que a pintura ultrapassa a dimensão estética formal, configurando-se como espaço de elaboração psíquica.

Um primeiro eixo identificado refere-se à centralidade do conceito de fantasia. O estudo de Terêncio (2023), ao analisar a obra *A condição humana*, de René Magritte (Figura 1), destaca que a pintura coloca o espectador diante da impossibilidade de distinguir entre representação e realidade, evidenciando que o olhar é sempre mediado por construções imaginárias. O autor afirma que a obra impõe "uma validação da trama simbólica e imaginária da nossa realidade" (Terêncio, 2023, p. 8), aproximando-se diretamente da noção freudiana de realidade psíquica. Freud e Breuer (1895/2024) já haviam indicado que, para o inconsciente, não há distinção entre o vivido e o fantasiado, uma vez que ambos possuem igual valor de verdade na economia psíquica.

Figura 1 - A Condição Humana. René Magritte. 1933 – Óleo sobre tela



Fonte: René Magritte (1933)

Nesse sentido, observa-se que a produção contemporânea mantém a fantasia como categoria estruturante da leitura da obra de arte. Entretanto, diferentemente de abordagens reducionistas que buscavam interpretar a arte como mera expressão biográfica do artista, os artigos analisados demonstram maior sofisticação teórica ao compreender a fantasia como estrutura organizadora da percepção e do desejo. Essa perspectiva encontra ressonância na releitura lacaniana, segundo a qual o sujeito não se relaciona diretamente com o real, mas com uma moldura fantasística que sustenta seu desejo (Lacan, 2008). A pintura, portanto, opera como metáfora visual dessa estrutura.

Um segundo eixo de análise refere-se à articulação entre arte, violência e pulsão. O artigo de Assis (2023), ao examinar *Guernica*, de Pablo Picasso (Figura 2), amplia a discussão ao inserir a obra no contexto histórico do bombardeio da cidade espanhola, evidenciando que a produção artística pode funcionar como resposta simbólica à violência. A autora sustenta que a obra apresenta "duas faces do ser humano: a violência e a criatividade" (Assis, 2023, p. 10), articulando tal dualidade à teoria freudiana das pulsões de vida e morte.

Figura 2 - Guernica. Pablo Picasso. 1937 — Óleo sobre tela



Fonte: Pablo Picasso (1937)

Freud, na correspondência com Einstein, afirma que os fenômenos da vida emergem da ação confluente de forças de ligação e destrutividade (Freud, 1976). Os artigos analisados indicam que a arte pode operar como via de transformação da destrutividade em elaboração simbólica, aproximando-se do conceito de sublimação. A pintura, nesse contexto, não apenas representa o trauma, mas o reinscreve em uma dimensão cultural compartilhável.

Ao dialogar com Green (1990), Assis (2023) acrescenta a noção de função desobjetalizante, segundo a qual a pulsão de morte se manifesta na desqualificação do outro em sua singularidade. A obra artística, ao contrário, pode exercer função objetalizante, reinvestindo o humano de significado. Essa articulação demonstra que a leitura psicanalítica contemporânea não se limita à interpretação do conteúdo imagético, mas abrange processos intersubjetivos e socioculturais implicados na produção e recepção da obra.

Um terceiro eixo identificado diz respeito à dimensão do pensar e da simbolização. Por meio das contribuições de Bion, Assis (2023) sugere que a destrutividade se associa a estados mentais que impedem o sonhar e o pensar, favorecendo sistemas de certezas rígidas e fanatismos. Bion (1988) adverte para o risco de compreender a mente de forma estática, defendendo a importância das funções de transformação psíquica. A arte, nesse contexto, aparece como dispositivo que reativa a capacidade de simbolização, instaurando movimento no qual havia estagnação.

A análise comparativa dos artigos revela que a pintura é compreendida como espaço de mediação entre o individual e o coletivo, entre o inconsciente singular e a cultura. Não se trata apenas de interpretar a obra como sintoma do artista, mas de reconhecê-la como produção que convoca o espectador a participar de um processo interpretativo. Essa perspectiva se aproxima da concepção contemporânea da psicanálise como construtora de significados, mais do que simples decodificadora (Assis, 2023). Essa convergência, contudo, não elimina diferenças relevantes entre os estudos analisados.

Embora os dois estudos selecionados sustentem a pertinência da psicanálise como referencial para a leitura da pintura, observa-se que o fazem por ênfases distintas, o que enriquece o campo interpretativo. De um lado, sobressai uma abordagem voltada à pintura como espaço de mediação entre realidade, fantasia e produção de sentido, destacando o modo como a imagem convoca o olhar e evidencia a participação do sujeito na construção do visível. De outro, evidencia-se uma leitura em que a obra pictórica aparece como campo de inscrição da violência, da destrutividade e do sofrimento humano, convertendo conteúdos ligados à violência e à destrutividade em linguagem visual passível de simbolização. Assim, mais do que simplesmente convergirem, os estudos revelam que a interlocução entre Psicanálise e pintura pode se desdobrar tanto na direção da análise dos processos imaginários e simbólicos quanto na compreensão da arte como forma de elaboração de conflitos psíquicos intensos.

A comparação entre os artigos evidencia diferenças de ênfase teórica que enriquecem o campo. Enquanto Terêncio (2023) privilegia a dimensão estrutural do olhar e da realidade psíquica, articulando a pintura à problemática da representação, Assis (2023) enfatiza a dimensão pulsional e histórica da obra, relacionando arte e violência. Já o diálogo com Green e Bion amplia a discussão para os processos de simbolização e transformação emocional. Observa-se, portanto, que a produção contemporânea não se limita à repetição de categorias clássicas, mas as reinscreve em problemáticas atuais, como trauma coletivo e crise de representação.

Entretanto, identificam-se limites epistemológicos relevantes. A predominância de referenciais freudianos e lacanianos demonstra solidez teórica, mas também indica certa concentração conceitual. Há menor presença de abordagens psicanalíticas latino-americanas ou de interlocuções com teorias estéticas contemporâneas não estruturais. Esse cenário sugere a necessidade de diversificação teórica e ampliação metodológica, a fim de evitar cristalizações interpretativas.

Esses achados confirmam os pressupostos apresentados na fundamentação teórica, especialmente no que se refere à centralidade da fantasia, da pulsão e da simbolização na leitura psicanalítica da pintura. Por outro lado, também são identificados limites na produção analisada. O número reduzido de publicações que atendem aos critérios estabelecidos indica que, embora seja teoricamente consistente, o campo específico da interpretação psicanalítica da pintura ainda tem produção quantitativamente restrita no período delimitado.

Em síntese, os resultados apontam que a psicanálise permanece como referencial sólido para a leitura da obra pictórica, especialmente ao mobilizar conceitos como fantasia, sublimação, pulsão e simbolização. A arte, nos estudos analisados, não é concebida como objeto decorativo ou meramente estético, mas como campo privilegiado de elaboração da condição humana. Dessa forma, a produção recente reafirma a pertinência do diálogo entre Psicanálise e arte, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de ampliação e diversificação das investigações nesse campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou analisar como a produção científica publicada entre 2020 e 2025 tem articulado a psicanálise à interpretação da pintura, investigando a permanência e os deslocamentos conceituais no uso de categorias clássicas como fantasia, pulsão, sublimação, desejo e simbolização. Com base na revisão bibliográfica realizada, foi possível constatar que, embora quantitativamente restrita, a produção recente revela consistência teórica e continuidade com os fundamentos inaugurados por Freud e, posteriormente, aprofundados por Lacan e autores pós-freudianos.

Os resultados indicam que a pintura é compreendida, nas publicações analisadas, não como um mero objeto estético ou uma representação formal da realidade, mas como uma formação simbólica atravessada pelo inconsciente. A obra pictórica surge como um espaço de elaboração psíquica no qual experiências traumáticas, conflitos pulsionais e tensões subjetivas são transformados em uma linguagem visual passível de compartilhamento. Nesse sentido, a arte opera como um destino possível da pulsão, aproximando-se da noção freudiana de sublimação ao converter forças destrutivas e desejos inconscientes em produção cultural.

Percebeu-se também que a interpretação psicanalítica contemporânea tende a deslocar o foco da biografia do artista para a estrutura da obra e para os processos de simbolização presentes tanto na criação quanto na fruição estética. A pintura é compreendida como um campo de mediação entre o individual e o coletivo, entre o inconsciente singular e a cultura, e convida o espectador a participar ativamente da produção de sentido. Tal perspectiva evidencia que a experiência estética não se limita à contemplação passiva, mas envolve um trabalho psíquico que reinscreve afetos, fantasias e desejos no campo da linguagem.

Entretanto, a análise também revelou limitações importantes. A predominância de referenciais clássicos europeus indica a necessidade de ampliar o diálogo com produções latino-americanas e contemporâneas, que podem tensionar e enriquecer o campo. Além disso, o número reduzido de estudos específicos sobre pintura no período delimitado sugere que, embora teoricamente consolidada, a interlocução entre psicanálise e artes visuais ainda demanda maior investimento investigativo. Esses aspectos indicam que os limites identificados não são apenas quantitativos, mas também teóricos e epistemológicos.

Apesar da consistência teórica identificada nas produções analisadas, o estudo também evidencia limites que devem ser considerados. O número reduzido de artigos especificamente voltados para a interpretação psicanalítica da pintura no período analisado indica que se trata de um campo ainda pouco explorado em termos de produção recente, o que restringe generalizações mais amplas. Além disso, a predominância de referenciais clássicos europeus aponta para a necessidade de ampliar o diálogo com produções latino-americanas e contemporâneas, que são capazes de tensionar, atualizar e diversificar as leituras já consolidadas. Nesse sentido, investigações futuras poderão enriquecer o debate ao incorporarem outras perspectivas teóricas, ampliarem o *corpus* de análise e explorarem, inclusive de forma empírica, a experiência estética dos espectadores, fortalecendo a interlocução entre a teoria psicanalítica, a arte e a prática psicológica.

Do ponto de vista epistemológico, o estudo reafirma que a psicanálise não deve ser aplicada à arte de maneira ilustrativa ou reducionista. Pelo contrário, a obra de arte desafia o próprio aparato teórico, exigindo abertura hermenêutica e rigor metodológico. A pintura não é um simples exemplo de conceitos psicanalíticos, mas um campo de produção de pensamento no qual a teoria encontra seus limites e possibilidades.

Além das constatações apresentadas, o estudo aponta possibilidades para investigações futuras. A ampliação do recorte temporal e a inclusão de outras linguagens visuais, como a fotografia, a arte digital e as produções audiovisuais, poderiam enriquecer a compreensão da interlocução entre a psicanálise e a arte. Ademais, pesquisas empíricas que investiguem a experiência estética de espectadores, articulando teoria e prática clínica, constituem um campo promissor de desenvolvimento. Além desses desdobramentos investigativos, cabe destacar a relevância desses achados para o campo psicológico.

No âmbito da Psicologia, esses achados reforçam a importância de se reconhecer a arte como um dispositivo de elaboração subjetiva, capaz de contribuir para práticas clínicas, educacionais e culturais. A interlocução entre psicanálise e pintura vai além da análise acadêmica, mas pode oferecer subsídios para intervenções que valorizem a simbolização como recurso para o enfrentamento de conflitos psíquicos.

Portanto, conclui-se que a interlocução entre a obra de arte e a psicanálise permanece atual e necessária. Em um contexto contemporâneo marcado pela intensificação da violência simbólica, por crises identitárias e por transformações culturais aceleradas, a arte configura-se como um espaço privilegiado para a elaboração da condição humana. A psicanálise, por sua vez, oferece instrumentos teóricos que permitem uma leitura da pintura que vai além da forma e da imagem, reconhecendo também o desejo, a falta, o conflito e a criação. Assim, o diálogo entre esses campos reafirma sua relevância para a compreensão dos processos subjetivos e culturais que estruturam a experiência humana.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE por abrir espaço para a divulgação científica e por incentivar os estudantes a fazerem parte da comunidade científica, assim ampliando e facilitando o acesso ao conhecimento. Agradecemos também à coordenação do curso de Psicologia por estar presente no desenvolvimento dos estudantes formando futuros profissionais qualificados. Em especial, somos gratas à nossa orientadora, a Mestra Ana Paula Santos Siqueira, que nos auxiliou durante todo o processo de pesquisa e formulação do artigo. Nosso sincero agradecimento a todos!

REFERÊNCIAS

ASSIS, Maria Bernadete Amêndola Contart de. Faces do humano em Guernica: violência e arte. **Berggasse 19**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 10–21, 2023.

BION, Wilfred R. **Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)**. Tradução de W. M. M. Dantas. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Original publicado em 1967.)

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). *In*. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. I e V.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1908). *In*. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. IX.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia** (1917). *In*. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIV.

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra?** (1933). *In*. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria (1895). *In*: FREUD, Sigmund. Obras completas – Imago. v. 2 (1893–1895). Tradução para o português. [S.l.]: Núcleo de Pesquisas, 2024. Disponível em: https://nucleodepesquisas.com.br/wp-content/uploads/2024/07/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-02-1893-1895.pdf. Acesso em: 16 nov. 2025.

GREEN, André. **Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites.** Tradução de H. Bresseman. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação.** Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MAGRITTE, René. **A condição humana**. 1933. Pintura a óleo sobre tela.

PICASSO, Pablo. **Guernica**. 1937. Pintura a óleo sobre tela.

TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. A fantasia e “A condição humana”: a psicanálise em contato com a obra de René Magritte. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 26, e221164, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1415-4714.e221164.